

**Arquivo  
quer público**

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 25/26  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

**IMPRESSO**



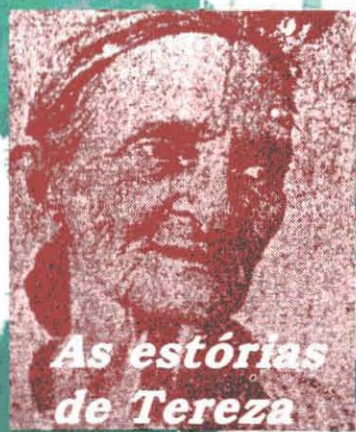
**Belém é  
saúde**



**O mundo  
e os  
fins de  
Cardoso**



**Os  
versos  
de  
Quintina**



**As histórias  
de Tereza**



**Samba  
malandro**

# Reviver Formosa

*Na subida do morro  
me contaram...  
Malandro que é  
malandro não  
bobeia...  
Sou rabo de arraia,  
chave de rim, bofetão.  
Esses fraseados já  
não se ouvem e nem  
a Lapa de um Rio  
antigo existe mais.  
Mas os sambas e seus  
personagens,  
malandros com ética  
e código de honra,  
marcaram uma  
época do País.  
A malandragem de  
hoje é violenta e, se  
comparada aos  
antigos, aqueles  
parecem românticos,  
mas verdadeiros  
malandros.*

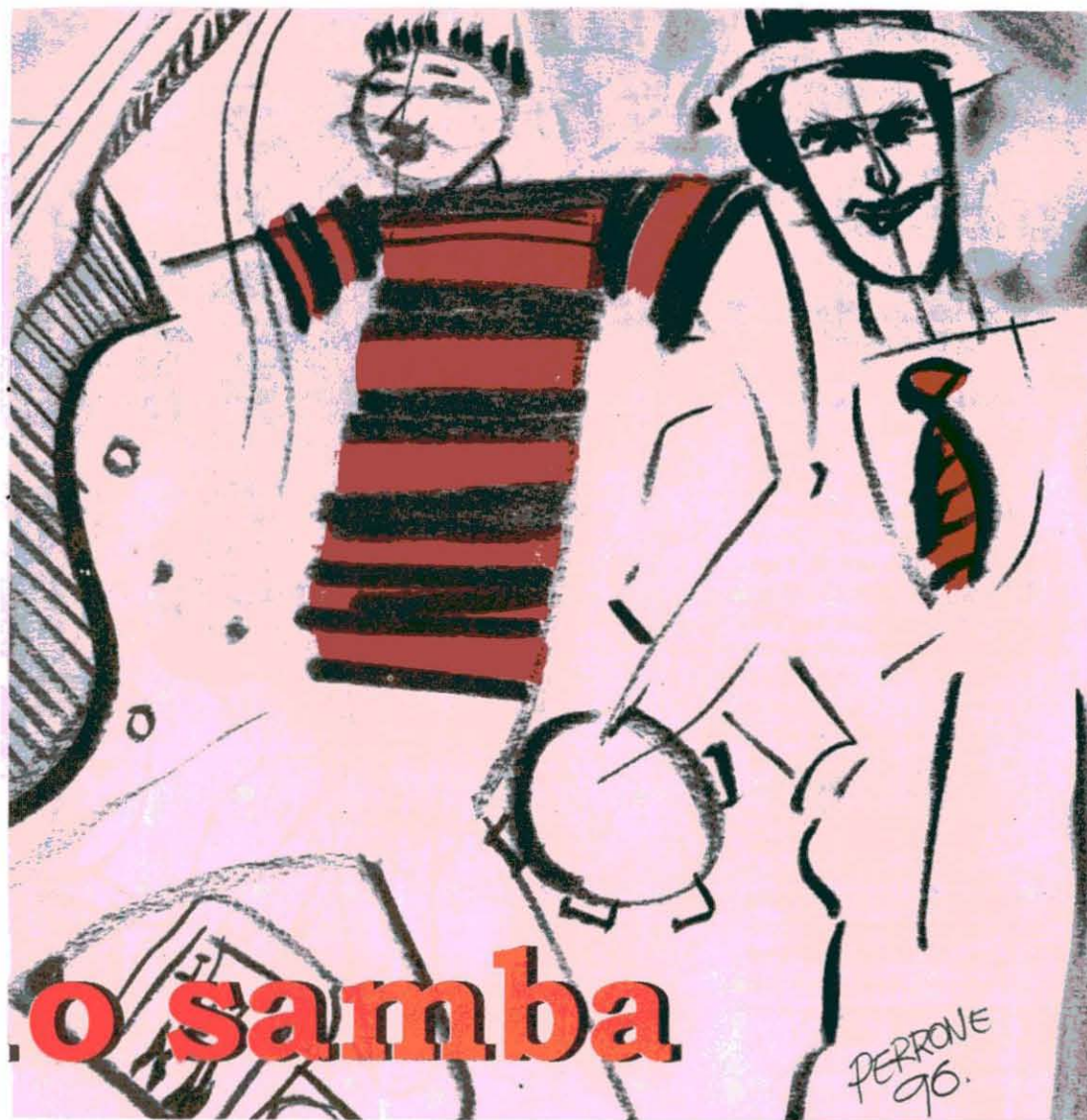


#### □ Renato Vivacqua

Até a década de 50 era quase impossível se fazer uma dicotomia entre a malandragem e o samba. Sambista era sinônimo de vagabundo, ou como diziam os de antanho: capadócio. O violão era um passaporte para a cadeia. Mas o pessoal resistiu e hoje o samba está aí como cartão de visitas do carnaval brasileiro. Um dos redutos da malandragem carioca era o bairro da Lapa. Seu fastígio foi entre 1929 e 1938. Com o crescimento meteórico de Copacabana a partir de 1940, começou a estiolar e por volta de 1967 nada mais restava do antigo

feirismo. Malandros famosos viveram ali. O mitológico Madame Satã, homossexual destemido, redescoberto pela turma do Pasquim e que enfrentava e punha em debanda os choques policiais; Miguelzinho, campeão sul-americano de capoeira; Edgar do Estácio; Joãozinho da Lapa, filho de um general; Nelson Naval; Sete Coroas; Meia-Noite, imortalizado em samba, cuja fama Madame Satã joga por terra, revelando que era bicha e que Tinguá, seu fanchone, esse sim, era da pesada. Cabarés badalados como Tabu, Brasil Dourado, Primor, Rex, Apolo,

Casanova, Pigalle, Novo México, onde mulheres bonitas distribuíam encantos e desencantos: Cecy, a musa de Noel, Aída, Lili das Jóias, Chouchou, Laura, Boneca, que inspirou Assis Valente: "Poderia ser bonequinha de louça/ tão moça/ Mas não é..." Os bares que os menos abonados frequentavam: Siri, Café Bahia, Gruta do Frade, Viena-Budapeste, Olímpia, A Pastora. A Lapa, como diz João Antônio, era a Montmartre dos pobres. Intelectuais eram assíduos: Di Cavalcanti, Villa-Lobos, Mário de Andrade, quando vinha ao Rio, Brito Broca, Jorge Amado, Ribeiro



Couto, Jaime Ovale, Marques Rebello, Sergio Buarque, Luiz Martins. Era muito democrática a Lapa. O pessoal da Música Popular também andava por lá: Chico Alves foi chofer de táxi e conhecia seus subterrâneos. Mário Lago, Noel Rosa, Wilson Batista, Kid Pepe, Geraldo Pereira (que teria ficado mortalmente ferido numa briga com Madame Satã), Germano Augusto, Moreira da Silva, um falso malandro, programado pela sua inteligência, veste-se como tal, fala como tal, ginga como tal, tem trânsito livre entre verdadeiros, mas na realidade é monógamo, dorme cedo e só bebe leite: "eu continuo a ser Kid Moringueira/ Sou rabo de arraia/ Chave de rim, bofetão."

O malandro da época áurea da Lapa não tinha a conotação predatória de hoje. Não era um bandido, capaz de matar, assaltar, seqüestrar e estuprar. Vivía do jogo – caipira, baralho, chapinha de cerveja – do proxenetismo e alguns, à moda dos gangsters americanos, dando proteção aos comerciantes. O malandro hoje é vagabundo, traficante e assassino. Os antigos tinham uma imagem mais romântica, andavam sempre limpos, camisa de seda palha, anéis, chapéu do Chile, gravata tussot branca, sapato com salto mexicano. Indispensáveis ainda o lenço de seda no pescoço, a navalha. Havia disputas mas essas brigas eram muito mais para aparecer, ganhar "cartaz". E eram leais. Um bailado felino que

acabava com ferimento ou despartado pela polícia. Havia os enganadores, é claro. Lembro-me da música em que meu colega de ginásio, Joel, filho do compositor Leonel Azevedo, descrevia o malandro que só tinha "pose":

*Eu invoco  
É com esses malandros de  
esquina  
Não são de nada  
São de beber calibrina  
Uma telha na cabeça  
Uma sola enferrujada  
Ficam de bobeação  
Mas eles não são de nada  
Calça funil, sapato  
carrapeta  
De corte quadrado  
Pensando que é muita letra  
Não cantam samba  
Nem entram no pagode*

*Ficam de bobeação  
Mas eu nem sei como é  
que pode.*

Tradução: calibrina é cachaça, telha é chapéu, sola é navalha, carrapeta era um salto bem alto, corte quadrado era do pé do cabelo, muito em moda, letra quer dizer vantagem. Como já comentamos no início do artigo, o samba e a malandragem sempre andaram de namoro. Dezenas de sambas louvam a malandragem, mostrando o fascínio que o tema despertava nos compositores. Era morrer um malandro e lá vinha samba-homenagem. Poucos sambistas puderam ser classificados de malandros legítimos e entre eles estão duas figuras pouco destacadas pelos estudiosos da MPB. Justamente por isso resolvi cavoucar-lhes um pouco a vida. Baiaco e Brancura. Segundo Ary Vasconcelos eram amigos inseparáveis, sempre andavam juntos e eram cúmplices nas apropriações indébitas. Mario Lago conta: "Eram amigos de Benedito Lacerda. Faziam ponto no Café São José, perto da Praça Tiradentes. Havia neste bar duas salas separadas por um tabique de treliça. Baiaco e Brancura saíam por aí ouvindo samba de crioulo e, quando descobriam um bom, chamavam o cara para ir mostrar lá no Café. Crioulo cantando de um lado do tabique e do outro, parede com parede, o Benedito Lacerda transcrevendo a melodia. Quando acabava batia três vezes na mesa. Era o sinal. Brancura e Baiaco viravam para o cara e começavam a insultá-lo: "Sai daqui, negro safado, esse samba é meu, até escrevi com o compadre Benedito." "Mas como, seu Baiaco, é meu". Baiaco era mais folgado. Benedito aparecia. "Compadre, como é mesmo a melodia daquele samba que escrevi um dia desses com você?" Benedito metia o samba todo. "Tá vendo, moleque safado! Vai embora antes que eu me aborreça." E ficavam com o samba. Pelo menos uma vez deu confusão. Francisco Alves



MARCO LIMA  
(PSDB)

O Arquivo Público do Distrito Federal está de parabéns por ter criado o programa "Minuto da Memória Cultural da Cidade", transmitido pela Rádio Cultura. A cada semana um assunto novo é abordado. Com muita criatividade, a jornalista responsável pelo programa resgata a história de nossa cidade, divulga as atividades do Arquivo Público e leciona uma verdadeira aula de cidadania para os ouvintes da Cultura FM. É um programa que eu gosto de ouvir por merecer a nossa admiração, o apoio da Câmara Legislativa e do governo do Distrito Federal.



CÉSAR LACERDA  
(PTB)

O Conselho Regional de Cultura do Gama foi criado durante o período em que fui Administrador Regional daquela satélite. Na época, o seu movimento cultural, além de produzir intensamente, era bastante aguerrido, prova de que os artistas conseguiram participar pela primeira vez da FAGAMA. Os talentosos fazedores de arte tinham a idéia fixa da construção da Casa da Cultura; para isso, foi reservado o terreno, elaborado o anteprojeto e sua maquete. Porém, o governo mudou e a cultura gamense ficou muda. Há mais de um ano os artistas elegeram um novo Conselho Regional, que ainda não mostrou serviço, já que não consegue idealizar nada. A Casa da Cultura continua sendo apenas um sonho.

gravou uma música supostamente da dupla e certo dia foi peitado por um crioulo, Ferro, de dois metros de altura, que se dizia o verdadeiro autor do samba. Chico, vendo que a barra era pesada, mandou chamar Brancura, fizeram um acordo e o negão levou dinheiro. Esse samba, segundo ainda Mário Lago, era o "Deixa Essa Mulher Chorar". Ambos estavam entre os fundadores da "Deixa Falar", primeira Escola de Samba, nascida no Estácio em 1928. Brancura era batuqueiro e fazia parte da comissão de frente e Baiaco tocava omelê. Para Ismael Silva eram tão bons como os outros componentes mas não tiveram sorte.

Baiaco se chamava Oswaldo Caetano Vasques, também chamado por alguns de Mulatinho. Morreu em 1935 com apenas 22 anos. As versões sobre a causa do falecimento são desconhecidas. Uns falam em úlcera estomacal. Conta-se que certa vez abespinoou-se com um pai de santo respeitado, dando-lhe um bofetão. Este, apesar de forte, não reagiu, mas profetizou: "Olhe Baiaco, você me deu um tapa e eu não gostei. Não vou te dar o troco. Mas olhe bem o que te digo, você vai se desmilinguair que nem sabão nas mãos de lavadeira. Pode ficar certo que vai." Poucos dias depois Baiaco foi preso e levado para a Ilha Grande. Corria nessa época a versão de que a polícia prendia os bandidos mais indesejáveis e tinha o costume de colocar potassa na comida deles e depois soltá-los. Livre, Baiaco não sobreviveu muito, vivia sangrando, foi emagrecendo, definhando, desmilinguando-se como previra o babalaô afrontado. Apropriador, vendedor e revendedor de sambas, comprou a primeira parte de "Amor que não Morreu" de Raul Marques



e contratou Cartola para compor a segunda:

*Amar que não morreu  
E como custou pra revelar  
A verdade  
Nasceu nos braços meus  
Surgiu a nossa amizade  
Mudou, depois sumiu  
A nossa felicidade*

Cartola relata que, como vivia duro, era sempre procurado por Baiaco para parcerias ou terminar sambas. Bide acrescenta que era realmente o único do grupo que não compunha. Teve composições lançadas por Aracy Cortes: "Conversa Puxa Conversa", depois gravada por Almirante em 1934, "Vejo Lágrimas", que apareceu no carnaval de 1933, juntamente com "Tenho uma

Nega", em parceria com Benedito Lacerda (provavelmente surrupiados de alguns crioulos ingênuos). Seu grande sucesso no entanto foi um samba feito com Aurélio Gomes, outro fundador da "Deixa Falar", intitulado "Arrasta a Sandália", em 1933, e que consagrou. Moreira da Silva.

Teve repercussão tão grande que o povo batizou com seu nome um ônibus da época, com traseira longa, que parecia se arrastar.

Recordemos sua letra:  
*Arrasta a sandália aí, morena  
Arrasta a sandália aí, morena  
Vou te dar uma sandália bonita  
De veludo, enfeitada de fita*



Moreira da Silva, ainda que incoerente, faz alguns acréscimos à sua biografia. Em 1976: "Era um malandro fino. Além de malandro excelente batuqueiro. 'Arrasta a Sandália' foi feita por ele. Tinha conversa de causar inveja a advogado. As mulheres com seu papo entregavam-lhe todo o dinheirinho. No auge chegou a ter dez." Em 1981 o depoimento é menos edificante: "Era ajudante de caminhão. Costumava dizer: 'Você tem um samba meu aí, se não me der eu te mato.' Fino, hem! Ismael Silva o acusava de apropriar-se de sambas alheios e que 'Arrasta a Sandália' não é de nenhum dos dois e sim de um bêbado que cantou para eles num bar do Mangue". Russo do Pandeiro reitera: " 'Arrasta a Sandália' ele tomou de outro compositor, não é dele não." Não há dúvida que o Baiaco não era bom

de bola. O traço mais marcante de sua personalidade era a perversidade. O homem era o cão. Isso é confirmado por vários contemporâneos da maior credibilidade. Segundo Nássara era um sujeito perigoso, com folha policial bem fornida, de má índole, capaz de incendiar mendigos adormecidos nas madrugadas, depois de amarrar-lhes pedaços de jornal no corpo e pés. Geraldo Pereira acrescenta: "Dava navalhadas em cachorros e gatos. No carnaval, depois que embebedava, esperava os bondes passarem para navalhar a traseira dos passageiros." Noel Rosa era muito amigo da dupla e corre a lenda, desmentida por Almirante, de que aprendera capoeira com Brancura. Rubens Soares, autor de "É bom parar" (Por que bebes tanto assim rapaz...) que alguns historiadores da MPB dizem ter participação de Noel, o que ele nega com veemência; argumenta que nem convivia com Noel, justificando esse afastamento pelas más companhias do Poeta da Vila. Rubens diz que ele, por ser franzino, admirava as façanhas de Baiaco, mesmo as mais torpes. Milton de Oliveira o conhecia bem: "Baiaco era uma coisa tremenda. Eu conheci ele pessoalmente, não podia ver um miserável qualquer dormindo que jogava um paralelepípedo em cima". Russo do Pandeiro conviveu com ele e relatou ao autor: "Baiaco trabalhou no conjunto que a gente tinha. Ele não era bem malandro, pois não era de briga. Tanto que na primeira vez que foi brigar levou um tiro na rótula. Quem deu foi o Mano Otávio, negócio de jogo de baralho. O Baiaco era bárbaro, ele era covarde. Ele era engraçado; quer ver o que ele fez diversas vezes? Ele, por exemplo, trabalhava com a gente, nós íamos tocar, quando na volta vinha todo mundo e tal, cadê o Baiaco? Baiaco estava sempre atrás puxando a perna, da tal bala. Antigamente tinha aqueles mendigos que apanhavam

papel; ele pegava um paralelepípedo e jogava no peito. Ele era mau, coração bárbaro. Outra coisa: via um gatinho, acariciava e depois passava a navalha no rabo ou então espetava naquelas grades residenciais. Mas também morreu com todas as doenças que você pode imaginar".

Silvio Fernandes, o Brancura, não possui dados pessoais tão "dignificantes" como os do companheiro. Segundo Madame Satã "era um moreno pintoso, que só gostava de branca, daí o apelido. Não era brigão, seu negócio era cafetizar escrava branca". Moreira da Silva assina abaixo: "Tinha sempre uma mina pra lhe sustentar. Só se metia em encrenca quando alguém folgava com ela. Fora disso era limpeza." Volta e meia estava na cadeia e de lá muitas vezes foi retirado por interferência de Mário Reis, que tinha muita ligação com os ministros de Getúlio Vargas. Walter Januário, outro fundador da "Deixa Falar", recorda que certa vez sambavam na casa de Brancura quando a polícia chegou e prendeu sete, entre eles o anfitrião, os outros conseguindo fugir. Uns foram confinados no navio "Campos" e Taboca; Antenor e Brancura mandados para a Ilha Grande. Só Brancura voltou vivo. Deixou, como seu companheiro, obra pouco expressiva. Chico Alves gravou em 1929 suas primeiras composições: "Coração Volúvel" e "Mulher Venenosa". E foi seu parceiro em "Samba de Verdade" (aí fica difícil de saber quem comprou de quem). Seu protetor, Mário Reis, levou ao disco "Sinto Muito" em 1932. Em 1935, último samba gravado, ainda por Francisco Alves: "Você Chorou":

*Me admira é você  
Chorar porque  
Alguém lhe deixou  
Quem é da orgia  
Não teme quando perde um  
falso amor  
E você chorou*

...

Como Baiaco, teve também um sucesso consagrado:

"Deixa Essa Mulher Chorar", lançada na revista do mesmo nome por Aracy Cortes em 1931. Gravada para o carnaval do mesmo ano pela dupla Francisco Alves-Mário Reis, repercutiu muito. Ary Barroso considerava-a um dos dez maiores sambas de todos os tempos:

*Deixa essa mulher chorar (bis)  
Pra pagar o que me fez (bis)  
Zombou de quem soube amar*

*Por querer*

*Hoje toca a sua vez de sofrer  
Deixa essa mulher chorar*

...

Brancura era frequentador assíduo das reuniões de batucada ou pernada no Morro da Mangueira. A roda de batucada se formava da seguinte maneira: a turma em círculo cantava o refrão de desafio batendo palmas. Um dos batuqueiros ia para o centro da roda e convidava um dos circunstantes para a disputa. O convidado, se aceitasse, ficava parado com as pernas juntas e o outro tentava derrubá-lo com uma pernada, nunca pelas costas. Se conseguisse dar o tombo convidava outro para o confronto, se não ia para o lugar do que se mantivera de pé. O compositor Fernando Pimenta recorda Brancura nos batuques mangueirenses, que não parecia ser dos mais exímios: "E o Brancura? O Silvio Fernandes. Era um crioulo enorme, boa-pinta, se fosse vivo hoje ia ser galã de cinema... Na época ele só vestia S-120. Chegava aqui todo de branco, com anéis de brilhante. Ele caía muito, se sujava na lama. O negrão levantava, ia em casa, tomava banho, botava outro terno branco e voltava para brincar de batucada outra vez."

Um comentário de Menininha, esposa de Carlos Cachça, confirma o charme do malandro: "Também que vantagem! As negas davam um terno por semana a ele!".

Foram solidários até a morte. Brancura morreu no mesmo ano que Baiaco. Louco.